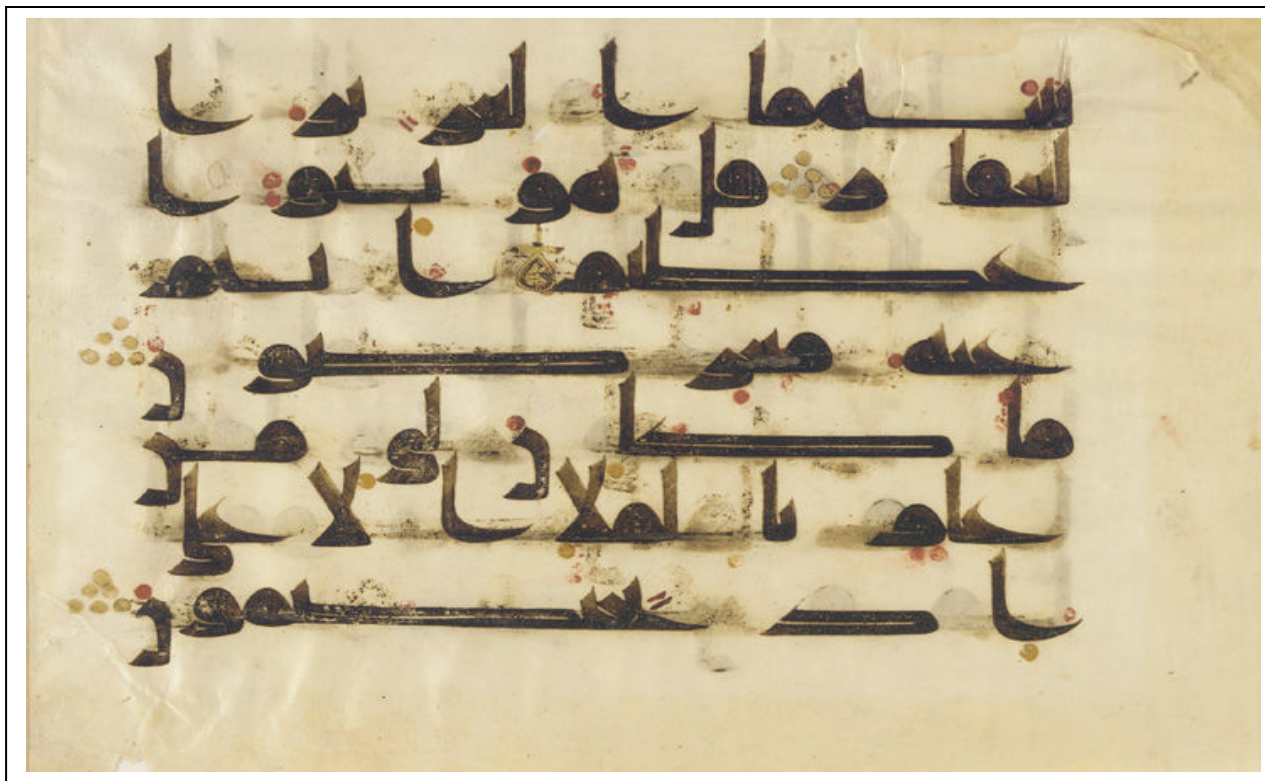


**CULTURA**  
**LIVROS**

# O retorno da luz havia muito esquecida

Obra traz esplendor da filosofia árabe

RENATO POMPEU\*  
de São Paulo



*Corão, século 9: no período, vazio dominava filosofia ocidental, enquanto a árabe vicejava*

# O retorno da luz havia muito esquecida

Obra traz esplendor da filosofia árabe

RENATO POMPEU\*

de São Paulo

O livro “Falsafa – A Filosofia Entre os Arabes”, de Miguel Attie Filho, membro do Centro de Estudo de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo, tem em esmagadora maioria aspectos extraordinariamente positivos e, de peso relativo pequeno, também aspectos ligeiramente negativos. E o mais curioso é que, se os aspectos positivos são todos de atribuição exclusiva do autor, os negativos não são, em grau nenhum, de sua responsabilidade, e sim estão relacionados com a precariedade do ambiente cultural ocidental, em geral, e brasileiro, em particular, quando se trata de outras culturas de envergadura semelhante à nossa.

Isso porque o que há de extraordinariamente positivo no trabalho de Attie Filho é a apresentação da fase de esplendor da filosofia árabe, do século 8º ao século 14 depois de Cristo, com nomes como Avicena e Averróis, de uma maneira clara, direta e simples, mesmo lidando com questões complexas, que exigem

interpretações requintadas, como são as questões discutidas, em nível sem similar no Ocidente da época, por esses autores árabes medievais.

O que há de negativo, finalmente, é o fato de que Attie teve de enfrentar a ignorância dos brasileiros cultos a respeito da filosofia árabe, que ou é vista como exotismo, ou, no máximo, apenas como preservadora do legado grego e sua transmissora para o Ocidente, sem que tivesse uma originalidade propriamente árabe. Assim, das 364 páginas do livro de Attie, nada menos do que as 162 iniciais estão dedicadas a situar a filosofia árabe dentro de um universo mais familiar aos leitores cultos brasileiros. E tão somente as 202 páginas restantes são dedicadas ao tema referido no título, a falsafa, palavra que significa filosofia em árabe e que designa o trabalho cultural desenvolvidos em terras do Islã, seja por árabes ou persas, seja por muçulmanos, judeus ou cristãos, a partir da filosofia tal como foi codificada pelos gregos.

**Falsafa, a Filosofia Entre os Árabes**

*de Miguel Attie Filho*

Assim, todas as quatro primeiras partes do livro acabam sendo uma simples introdução que leve o leitor, desacostumado a ver a filosofia árabe ser tratada como um trabalho original extraordinariamente criativo, a perceber que Avicena e Averróis, por exemplo, não

são meros imitadores e comentadores de Aristóteles e Platão e outros pensadores gregos antigos – a não ser que consideremos também como imitadores e comentadores dos gregos antigos nomes como Espinosa e Hegel.

Essas quatro primeiras partes descrevem o estado dos estudos filosóficos de tradição grega por ocasião da extraordinária explosão que deu início ao poderio espiritual e secular do Islã, contam como foi o passado pré-islâmico da cultura árabe e relatam como se deu a absorção, pelos islamitas em geral e pelos árabes em particular, das culturas com as quais entraram em contato e, mais precisamente, das culturas helenísticas e bizantina, e, por meio delas, da cultura grega antiga. Isso vai permitir que, em seguida, nas duas partes restantes, o leitor possa perceber como, a partir desses fundamentos todos, inclusive o islamismo propriamente dito, os filósofos árabes medievais criaram obras sem para na história da filosofia. Tudo isso se deu enquanto na filosofia ocidental houve praticamente um vazio entre Santo Agostinho, do século 5º, e Santo Tomás de Aquino, do século 13.

As contribuições específicas de Averróis, por exemplo, fiel islamita na religião e fiel racionalista na filosofia, suas discussões sobre o ser e a substância tornam mais claro o que filósofos como Espinosa e Hegel quiseram dizer. Pois Averróis influenciou a obra do maior filósofo judaico da história, Maimônides, que está na raiz dos trabalhos de Espinosa, que estudou Maimônides em sua juventude rabínica. E o Espírito segundo Hegel é incompreensível em sua

plenitude sem que se compreenda a Substância segundo Espinosa, a qual por sua vez é incognoscível em sua completa dimensão sem que se conheçam as obras de Averróis e de Maimônides.

Esse livro de Attie é um caso clássico do retorno do reprimido, isto é, Da iluminação que nossa vida sofre quando aquilo porque passamos e que foi tão largamente esquecido surge de repente, na curva do caminho, clarificando toda a paisagem. Mais do que isso – e o autor anuncia para breve um livro sobre Avicena, pensador talvez ainda mais importante do que Averróis – é um passo para o Brasil assumir o caráter que é a sua vocação: a de intérprete e de unificador numa nova cultura universal, de todas as principais culturas da humanidade, que aqui se apresentam em estado de fusão. Essa fusão universal à brasileira, ainda inconsistente, está sendo trazida à consciência por obras como a de Attie, agora inclusive com doutorado em preparação na Filosofia da Universidade de São Paulo, esse centro do eurocentrismo, essa França nos trópicos de nosso país. O qual, porém, com os trabalhos de Attie e outros começa a cumprir sua vocação universalista e universalizante.

\*

**RENATO POMPEU**

É jornalista e escritor.

*Especial para a Gazeta Mercantil*